

NOTÍCIAS DE PESQUISA

NOTÍCIA
DE PESQUISA

COMIDA DE SANTO
COSMOLOGIA, IDENTIDADE
E SIMBOLISMO EM COZINHA
AFRODESCENDENTE

**COMIDA DE SANTO:
COSMOLOGIA, IDENTIDADE
E SIMBOLISMO EM COZINHAS
AFRODESCENDENTES**

LUCAS COLLITO MARTINS

JEFFERSON OLIVATTO DA SILVA

INTRODUÇÃO

Podemos dialogar sobre uma ‘cozinha emblemática’, ou de ‘pratos emblemáticos’, que por si só já representam um grupo. Esse emblema, como uma figura simbólica destinada a representar um grupo, faz parte de uma cealuma que esboça seu pertencimento e, conseqüentemente, uma identidade.

Seguindo Brillat-Savarin, “dize-me o que comes e te direi quem és”, que já foi transformado em “dize-me o que comes e te direi de onde vens”, Sophie Bessis (1995:126) coloca:

Dize-me o que comes e te direi qual deus adoras, sob qual latitude vives, de qual cultura nasceste e em qual grupo social te inclui. A leitura da cozinha é uma fabulosa viagem na consciência que as sociedades têm delas mesmas, na visão que elas têm de sua identidade (Sophie Bessis 1995:126).

Deixando o ostracismo e adentrar a uma determinada sociedade ou dela sentir-se integrante de tal, supõe capacidade de operar uma cultura. Isto expressa toda uma capacidade do indivíduo de manipular uma elaborada teia de significações socialmente constituída e interdependente em que gera sentido às interações entre os indivíduos e a torna única. A ideia de cultura, nesse caso, permite compreender a possibilidade de comunicação entre as inteligências (Durkheim 1995:76).

A nossa cultura – nossas crenças, tabus, religião, entre outros fatores – influencia diretamente uma cascata de escolhas dos nossos alimentos diários. Desta maneira, vemos que a alimentação humana representa estar muito

mais vinculada e objetivada a fatores espirituais e exigências tradicionais de meio cultural, do que às próprias necessidades fisiológicas.

Leva-se assim, à necessidade de buscar compreender o fenômeno das oferendas religiosas dentro de seu próprio contexto, de sua própria realidade. Compreender o sentido das práticas alimentares, sobretudo as oferendas, para os praticantes das religiões afro-brasileiras.

A COMIDA E O COMER

O Candomblé é considerado uma das religiões que mais possuem rituais com alimentos presentes, onde estes se difundem às mais diversas maneiras de simbologias e significados econômicos e sociais em modos rituais de relevante importância na comunicação e linguagem cultural.

A partir de pesquisas de campo e a métodos observacionais, é visível o terreno em sua gênese como um espaço de convivência e estabelecimento de laços e alianças interpessoais e coletivas, tendo assim a construção de um lugar especial, pois é ali que será compartilhado o momento sagrado, será o espaço físico social onde os deuses serão recebidos. Assim, a oferenda alimentar em práticas e festividades sagradas é a forma de seus seguidores terem contato com seus Orixás e por assim, tê-los em sua vida.

Como já dito, deuses e eguns ‘comem’, sendo o alimento o principal bem simbólico que os humanos podem lhes oferecer. Observa-se aqui que este sur-

ge, assim, como fator mediador por excelência das relações entre o mundo dos homens (e por que não de alteridade?) e o mundo sobrenatural. ‘Alimento’, entretanto, deve ser entendido numa dimensão ampla, pois além das comidas rituais propriamente ditas, há outros ingredientes e especiarias essenciais como sal, açúcar, pimenta, vinagre, mel, óleos comestíveis, água, bebidas alcoólicas ou não, hortaliças, frutas e ervas de folhas diversas, que compõem – principalmente – está culinária afrodescendente (Maciel 2005:49-55).

A iniciação corresponde a um pacto estabelecido entre o homem e os orixás. Antes de tudo, o que os humanos esperam deles, é a proteção. Para proteger os humanos, no entanto, eles precisam estar fortes, e para tanto se torna necessário mantê-los sempre bem alimentados. É esta justamente a principal responsabilidade social dos iniciados, as chamadas ‘comidas de obrigação’. Não alimentar o orixá, ou seja, não cumprir o pacto, é não apenas perder sua proteção, mas, sobretudo ficar exposto a riscos. Entende-se que o orixá exerce aqui uma gama de significações espirituais à proteção do fiel – mais especificamente de sua cabeça, onde ‘mora’.

Seguindo este prisma, é ação e ligação entre o dar, receber e retribuir, tão presente no candomblé como principal forma enquanto elemento de mediação fundamental, a comida. A partir daqui, vemos a cozinha ganhando um status de “santuário”, onde tudo gira em torno do sagrado, e todos com o pensamento firmado em energias positivas, que são repassadas ao alimento

no momento de sua preparação elaborada (Hubert 2011:101).

Abre-se um parêntese aqui para a responsabilidade na confecção das comidas de obrigação, o que é muito grande, razão pela qual cada casa de religião sempre tem uma cozinheira especializada, sempre ‘velha’. Lima (1977:13), referindo-se ao candomblé baiano, entre outras importantes observações, alvitra que a cozinheira, lá denominada de ‘iabassê’, tem de ser velha o suficiente para não mais menstruar. Se observarmos dentro desta perspectiva, na religião baiana, esta mulher menstruada de forma alguma pode preparar os alimentos.

Seguindo esta visão, é muito comum encontrar-se com a fartura na oferta de alimentação em terreiros de candomblé, além de uma qualidade da comida oferecida neste âmbito social. Assim, a principal característica desses alimentos em meio às práticas é seu próprio direcionamento aos Orixás e posteriormente também às outras pessoas que frequentam o espaço ou apenas visitam em dias de festa de santo, sempre tendo a finalidade de preparar o melhor com o melhor ingrediente, partilhando tudo e nunca desperdiçando nada (Hubert 2011:97).

A relação entre os devotos de sociabilidade e suas divindades se estende à comunidade do entorno do terreiro bem como aos visitantes, através dos rituais públicos, as festas. Este é o momento em que a relação mediada pela comida assume o significado mais amplo, promovendo a socialização entre os iniciados, a comunidade e os Orixás.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa até então desenvolvida, podemos observar de forma clara que o ato de oferecer comida e rituais a estes deuses está totalmente ligado à ideia de um fortalecimento dos laços entre esses Orixás e seus fiéis, além de éticos e sociais, quando se há ainda um fortalecimento de relações entre estes adeptos de tal religião afro-descendente.

Assim, a alimentação não reflete somente a satisfação de uma necessidade fisiológica, idêntica em todos os homens, mas nos leva à importância do cultivo de tais tradições e suas diversidades, afim de tudo aquilo que contribui para modelar a identidade de cada povo, mantendo assim sua identidade, suas simbologias e características de uma cultura em particular.

REFERÊNCIAS

- Bessis, Sophie. 1995. *Mille et une bouches cuisines et identités culturelles*. Autrement, 154:120-180.
- Durkheim, E. 1995. *Education et sociologie*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Maciel, M. E. 2005. Identidade Cultural e Alimentação, in *Antropologia e Nutrição: um diálogo possível*, Editado por A.R.G, Canesqui, pp. 49-55. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Lima, C. 1977. *A Família-de-santo nos Candomblés Jeje-Nagôs da Bahia: um estudo de relações intergrupais*. Tese de Mestrado, Departamento de Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, BH.
- Hubert, Stefan. 2011. *Manjar dos deuses: as oferendas nas religiões afrobrasileiras*. Primeiros Estudos, 1:81-104.